

O USO DA MAQUETE E DAS REVISTAS EM QUADRINHOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

THE USE OF MODEL OF THE STORIES IN COMICS AT TEACHING GEOGRAPHY

Lucas Bezerra Gondim

Mestrando em Geografia - Universidade Federal do Ceará
my.lucas@hotmail.com

Raimundo Helion Lima Dias

Graduado em Geografia - Universidade Federal do Ceará
helionlima_ipf@hotmail.com

Msc.Alexsandra Maria Vieira Muniz

Doutoranda em Geografia e Professora da Universidade Federal do Ceará
geoalexia@gmail.com

RESUMO

O uso de diferentes tipos de linguagens no estudo de Geografia articula-se com novas propostas de ensino, que por sua vez, se fazem presentes no processo de renovação da Geografia enquanto ciência, onde várias outras temáticas vão tomar espaço no palco das discussões, gerando, conseqüentemente a necessidade de trabalhar com metodologias de ensino que acompanhem o desenvolvimento da ciência geográfica. Neste trabalho, objetivamos destacar a viabilidade das Revistas em Quadrinhos (RQ's) e da maquete como recursos de ensino geográfico que tornam a prática pedagógica mais didática e significativa de maneira a possibilitar ao educando uma melhor sistematização do conhecimento. Para tanto, utilizamos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), livros didáticos e textos científicos que fundamentaram a utilização de recursos didáticos na sala de aula, assim como a abordagem do conteúdo de forma multidisciplinar a partir dos conhecimentos adquiridos nas disciplinas do curso de Geografia. Dentre os resultados temos a construção de conceitos geográficos e a percepção da geografia no cotidiano. Concluimos que a escolha e utilização do recurso didático pelo docente é uma etapa fundamental no processo de ensino-aprendizagem, sendo necessário que haja a contextualização e problematização, desconstrução e reconstrução de conhecimentos, propondo a aproximação das informações com a realidade do educando, de maneira que o ensino de Geografia torne-se algo realmente significativo.

Palavras-chave: Maquete. Revistas em Quadrinhos. Ensino. Geografia.

ABSTRACT

The use of different languages in the study of the Geography articulates with new teaching proposals, which in turn, are present in the process of renovation of geography while a science, where several other thematics will go to take space on the stage of the discussions, generating, consequence the need of to work with teaching methodologies that accompany the development of geographical science. In this paper, we aimed to highlight the viability of the Histories in Comics (comics) and of the model as resources the teaching geographic that render the pedagogic practice more didactic and significative of the manner the enable to learner a better systematization of knowledge. Hence, we used the National Curriculum Parameters (PCN's), textbooks and scientific texts that substantiated the use of instructional resources in the classroom, as well as the approach of content in a multidisciplinary way from the knowledge acquired in the course subjects of Geography. Among the results we build

geographical concepts and the perception of geography in everyday life. We concluded that the choice and use of didactic resource for teacher is a fundamental stage in process of teaching-learning, it being necessary that has the contextualization and problematization, deconstruction and reconstruction of knowledge, proposing the approximation of information with the reality of the student, so that the teaching of Geography becomes truly significant.

Key-words: Mockup. Comics. Education. Geography.

INTRODUÇÃO

Vivemos um período em que as barreiras que impossibilitavam as informações chegarem a qualquer parte do planeta praticamente não existem mais. Isto tem sido possível com a globalização do capital que impulsiona o desenvolvimento da ciência, da tecnologia e informação. Este contexto tem reflexo também na sala de aula, uma vez que possibilita ao educador fazer a melhor opção metodológica ao relacionar o conteúdo da sala de aula com a realidade, criando paralelos com o cotidiano da vida dos educandos.

Muitas linguagens e tecnologias que atualmente estão disseminadas na sociedade pouco penetraram em sala de aula. O debate sobre seus limites e possibilidades precisa ser realizado com certa urgência, para que os professores possam utilizá-las criteriosamente e criticamente na prática de sala de aula. (PONTUSCHKA, 2007, p. 39)

Com a existência das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), torna-se cada vez mais necessário o uso de recursos que facilitem este paralelo do conteúdo com o dia-a-dia dos educandos, valorizando seus conhecimentos prévios e contextualizando as informações. Como afirma Luz e Briski (2009, p.02):

Com a globalização, a informação vem rápida através dos meios de comunicação modernos, o conhecimento só se tornará atrativo se for relacionado com a realidade e os interesses dos alunos. Utilizando materiais pedagógicos simples com métodos diferenciados, pode-se despertar a curiosidade natural nos alunos para o estudo da Geografia, incentivando-os à busca do conhecimento, que transcende as portas das escolas.

É notável a grande velocidade na qual ocorrem as mudanças atualmente. Com o advento da revolução técnico-científica os lugares, objetos, costumes, hábitos e até mesmo comportamentos são criados e recriados a todo o momento nos mais diferentes espaços. Essa relação espaço-tempo obedece à lógica do modo de produção capitalista atual.

Nesse contexto, o fazer pedagógico também acaba por sofrer influência de tais mudanças, e cada vez mais, crianças e jovens ocupam a sala de aula, “cheios” de informações, que as formas tradicionais de ensino já não conseguem suportar.

Esse discurso tem como pano de fundo o fato de a fonte principal de produção de sentidos no ensino escolar ainda se constituir no texto escrito (o livro didático) e no texto falado (a voz do professor). Fala-se, comumente, em professores com excessivo apego às formas tradicionais de ensinar, o que é agravado pela existência de currículos extensos e distantes da realidade do aluno, escolas mal equipadas e salas de aula obsoletas (GUIMARÃES, 2009, p. 314).

Uma diversidade de linguagens e tecnologias é utilizada para facilitar o processo de ensino-aprendizagem dos professores em geral e de Geografia em particular. Estes instrumentos atuais aliados aos recursos didáticos tradicionais tornam a aula mais didática, auxiliando na problematização dos conteúdos através da mediação do professor.

Pode-se chamar de recurso didático todo e qualquer recurso e/ou linguagem dentro do processo de ensino-aprendizagem, que possibilite ao educando uma melhor leitura da realidade. Os recursos didáticos dão suporte para o conteúdo a ser ministrado, são meios para construir conhecimentos ao fazer a leitura da realidade na sala de aula.

Piletti (2007) discute sobre as tradicionais classificações para os recursos didáticos, a saber: visuais (projeções, cartazes, gravuras); auditivos (rádio e gravações); audiovisuais (cinema e televisão); A segunda classificação contempla os recursos humanos e materiais, classificação bastante ampla, e que utiliza os recursos da comunidade; Por fim traz à tona a classificação de Edgar Dale acerca do cone de experiências, na qual sua gênese ressalta a vivência, das instâncias concretas até chegar ao simbólico abstrato. No entanto, Piletti (2007) afirma serem estas divisões bastante arbitrárias, não havendo uma classificação universalmente aceita.

Vieira e Sá (2007) exemplificam alguns recursos didáticos utilizados nas aulas de Geografia, quais sejam: Jogos, vídeo, informática, música, giz e quadro-negro, textos – leitura, interpretação e elaboração, mapas e globos, grupos de trabalho, fórum simulado, jornal falado, dramatização etc.

Dentro do universo dos recursos didáticos os mais utilizados pelos professores de Geografia são: a letra de música, os livros paradidáticos, os programas de TV, os filmes, as imagens, os gráficos, os jogos, o jornal, a maquete, as revistas em quadrinhos, os mapas e o globo terrestre, entre os quais, será dada maior ênfase, na maquete e nas revistas em quadrinhos.

Os recursos didáticos quando utilizados de maneira adequada colaboram para o desenvolvimento cognitivo do educando, além de outros benefícios mais, como: motivar e despertar o interesse do educando; favorecer o desenvolvimento da capacidade de observação; permitir ao educando concretizar o que outrora se encontrava tão somente no campo da abstração, utilizando materiais e objetos simbólicos como elo entre meio subjetivo e mundo concreto; aproximá-lo da realidade analisada; oferecer informações e dados; viabilizar uma melhor dinâmica na construção do conhecimento.

É necessário compreender a importância do educador, pois cabe a este selecionar o recurso que possibilite uma maior aproximação com a realidade do educando, considerando

faixa etária, desenvolvimento cognitivo, conteúdo a ser ministrado, objetivos atingidos, etc., uma vez que não é somente o moderno “arsenal” de linguagens que garante a eficácia do ensino-aprendizagem, daí falar da importância do educador na mediação desse processo.

No que tange ao ensino de Geografia não é diferente, há uma infinidade de métodos e os mais variados tipos de recursos que podem ser utilizados de modo a tornar a disciplina mais significativa na reflexão dos alunos, como Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p.215) afirmam que

[...] o uso de linguagens na Geografia não visam reproduzir receitas, mas, sim, oferecer propostas que, associadas à criatividade dos educadores, podem constituir idéias para a utilização de diferentes conteúdos [...], tornando a disciplina extremamente significativa na reflexão dos alunos.

As autoras expõem de forma bem clara o papel do educador no que se refere à responsabilidade da “aplicação coerente” de tais linguagens no processo de ensino-aprendizagem. Cabe ao educador dialogar com o aluno, sobretudo, entendendo sua leitura de mundo para que não haja um estranhamento deste com o que é proposto, o que pode acarretar também numa leitura deturpada da realidade, uma vez que não há uma adequação entre linguagens e representações.

No contexto de reformulação do ensino de Geografia e da importância do papel do educador, “as novas abordagens centram-se na concepção da formação como um processo permanente, marcado pelo desenvolvimento da capacidade reflexiva, crítica e criativa, conferindo ao professor autonomia na profissão e elevando seu estatuto profissional (PONTUSCHKA, 2007)”. Cabe aos cursos de formação incentivar e capacitar os futuros professores a usarem o material que lhes auxiliarão durante a prática docente, dada a importância dos recursos de ensino durante o processo de aprendizagem.

A escolha da maquete, diante de tantos outros recursos didáticos, é fruto das atividades desenvolvidas na disciplina de Oficina Geográfica III, ministrada durante o segundo semestre de 2010 no curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará, onde foi realizada uma série de discussões concernentes ao ensino de Geografia, mais especificamente à Geografia escolar. Os recursos didáticos nortearam tais discussões, que deram embasamento para tal reflexão, através de literaturas que procuravam potencializar a aprendizagem com a utilização de novas linguagens de ensino, havendo também orientação nas atividades práticas, englobando o uso destes recursos no ensino de geografia.

A utilização da maquete na perspectiva geográfica

O uso da maquete no ensino de Geografia é fundamental, principalmente tratando-se do estudo geomorfológico, pois através da maquete podemos representar as formas do relevo em tamanho reduzido, impulsionando o educando a pensar na dimensão real da unidade de relevo trabalhada, tateando e observando a maquete e como esta se insere na dinâmica espacial. Segundo Lombardo e Castro (1996): “A maquete é um recurso didático que permite a visualização tridimensional do relevo, apresentando de forma clara a noção de espaço”.

No estudo geomorfológico do espaço, assim como nos demais conteúdos geográficos que necessitam de uma maior aproximação com o concreto, muitos alunos têm dificuldade em apreender as dimensões espaciais geográficas, por não ter o conhecimento necessário para a leitura de mapas. Não obtendo essa facilidade na leitura, torna-se complicado para o educando concretizar as informações contidas no mapa, que muitas vezes está exposto no livro didático, e este impasse não assola apenas os alunos do ensino fundamental e médio, mas também nos anos iniciais da graduação, como apontam Lombardo e Castro (1996, p.03):

Um dos problemas mais sérios enfrentados no ensino de cartografia, para alunos iniciantes no curso de graduação em geografia, é a percepção do relevo a partir das curvas de nível. Trabalhos de campo são realizados, visando minimizar tais problemas; contudo, na maioria das vezes, os problemas persistem.

Mesmo a maquete sendo de suma importância no ensino de Geografia, o seu processo de confecção faz com que seu uso seja “problemático”, pois construir uma maquete de alta qualidade requer esforço e “tempo livre” do professor. Tomando como exemplo um professor de Geografia do ensino público que possui um tempo diminuto para planejar as aulas, pois sua carga horária chega a ser bem superior a 40 horas semanais, quando esse educador terá tempo para produzir uma maquete com boa qualidade? Esta problemática de falta de condições de trabalho acaba prejudicando, de certa forma, as atividades a serem desenvolvidas durante a construção da maquete e sua posterior utilização.

A maquete foi utilizada para facilitar a aprendizagem durante a ministração da aula acerca do tema: “Atmosfera: A camada gasosa da superfície da Terra”. Esta aula foi destinada aos alunos do primeiro ano do ensino médio, sendo que os objetivos da aula foram: abordar a atmosfera de forma a instruir e aprofundar o conhecimento dos alunos sobre o respectivo assunto; definir a estrutura física da atmosfera e todos os processos nela contidos e apresentar de forma dinâmica como os fenômenos atmosféricos interferem no cotidiano dos alunos.

Para tanto, utilizamos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s) e textos que fundamentaram a utilização de recursos didáticos na sala de aula, podendo citar no caso da maquete autores como: Pontuschka, Castrogiovanni, Passini, Libâneo, Trindade e Chiapetti, Castrogiovanni e Costella, Almeida. Utilizamos também conteúdos vistos nas disciplinas dos

semestres anteriores e em curso, e para fazer a transposição didática do conteúdo para os alunos do ensino médio, utilizamos o livro didático: “Geografia Crítica: O espaço natural e a ação humana” (VESENTINI; VLACH, 2002). Os alunos do quarto semestre do curso de Geografia da UFC simulavam ser uma turma referente ao público escolhido.

Na experiência vivenciada ao problematizar o conteúdo da aula ministrada utilizando a maquete como um dos recursos, ficou evidente a necessidade de tempo para construir e planejar sua utilização, pois todo o processo de criação da maquete durou cerca de quatro horas e havia cinco pessoas trabalhando. Uma forma de sanar este problema seria construir a maquete na sala de aula, trabalhando com os alunos de forma conjunta.

Quando o aluno tem a experiência de poder construir o material que será utilizado junto ao conteúdo, a assimilação é ainda maior, pois ele participa e interage com o professor e os demais educandos. O professor, por sua vez, poderá trabalhar a formação do relevo, desde a sedimentação até as formações montanhosas.

A maquete como fonte de aprendizagem também pode ser utilizada junto aos mapas mentais, uma vez que a Geografia também é trabalhada no contexto das imagens e paisagens. Ao trabalharem a maquete junto ao conteúdo, os educandos poderão entender as dimensões da paisagem discutida em sala, mapeando mentalmente a área em questão, este mapeamento é feito como se o mundo fosse medido e mapeado no subconsciente do indivíduo, como aponta Kozel (2001, p 03): “A geografia sempre esteve associada às imagens, num primeiro momento com o sentido de transmitir informações sobre os espaços desvendados, e posteriormente como forma de comunicação/representação do espaço físico”.

Os mapas mentais que estão interligados ao uso de maquetes são as paisagens mentais e os mapas de memória. Apesar de parecer que o primeiro é o mais relacionado à maquete, os dois tipos de mapa trabalham intrinsecamente. Os mapas de memória permitem ao aluno organizar uma espécie de roteiro, uma seqüência de atividades, enquanto os mapas de paisagens trabalham, a partir de uma maquete, um mapeamento das paisagens semelhantes à deste recurso, ou seja, com uma maquete do bioma da caatinga, têm-se, ao trabalhar com a maquete, um mapeamento do bioma em questão na realidade.

A utilização da maquete como recurso didático não é nenhuma novidade no campo pedagógico, porém, vem sendo utilizada no ensino de Geografia voltado aos alunos deficientes visuais, uma vez que a maquete permite um incentivo na produção mental dos educandos acerca da imagem do relevo. Este aspecto é abordado por Lombardo e Castro (1996): “A maquete contribui, também, no aprendizado de alunos portadores de deficiência visual, podendo estes, sentir as diferentes formas do relevo através do tato”. Tateando a

maquete, os alunos vão distinguindo as áreas elevadas das rebaixadas, com isto, são construídos os conceitos sem precisar decorar conteúdos prontos e de difícil compreensão, fazendo da maquete um recurso ideal para o professor trabalhar o conteúdo geográfico na educação inclusiva.

O uso das Revistas em Quadrinhos no Ensino de Geografia

O uso de diferentes tipos de linguagens no estudo de Geografia articula-se com novas propostas de ensino, que por sua vez se faz no processo de renovação da Geografia enquanto ciência, onde várias outras temáticas vão tomar espaço no palco das discussões, gerando, conseqüentemente, a necessidade de se trabalhar com metodologias de ensino que acompanhem o atual estágio de desenvolvimento da ciência geográfica na perspectiva de uma Geografia Crítica e Humanística Cultural.

É no sentido de propor aulas mais interativas, dinâmicas, que envolvam atividades lúdicas que se pode utilizar as Revistas em quadrinho (RQ's), bem como outras linguagens e representações.

As RQ's costumam ser umas das primeiras leituras na infância e muitas vezes perduram até a fase adulta de algumas pessoas. Elas são de grande utilidade no ensino de Geografia, no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem proporcionam uma aula mais receptiva e agradável, tendo boa aceitação por parte dos educandos, uma vez que, fazem parte do cotidiano e facilitam a assimilação do conhecimento.

Segundo Cavalcanti (2002 apud Silva 2006) os quadrinhos são versáteis, com uma perspectiva ampla, podem ser críticos, esotéricos, infantis, adultos, enfim, uma linguagem que pode fornecer grande contribuição à geografia escolar.

Desse modo, há que se destacar sua potencialidade para levar o aluno a perceber, por exemplo, a geografia no cotidiano, para fazer a ponte entre seu conhecimento cotidiano e o científico, para problematizar o conteúdo escolar a partir de outras linguagens e de outras formas de expressão (CAVALCANTI, 2002 *apud* SILVA, 2006, p. 44).

Rama (2008) reitera Cavalcanti quando diz,

Pela perspectiva de uma Geografia tradicional, é inevitável lembrarmos de HQS ambientadas em diversos países, mostrando paisagens e culturas diversas (...). Não devemos, no entanto, pensar que a principal contribuição dos quadrinhos para o ensino de Geografia seja a mera descrição das paisagens. *O potencial dessa linguagem ultrapassa esse aspecto, podendo atender às mais recentes abordagens teóricas e pedagógicas da área.* (RAMA, *grifo meu*, 2008, p.87).

Negligenciar o uso das RQ's no ensino de Geografia é lamentável, visto que são textos de circulação social e por este motivo apresentam um grande potencial comunicativo

atingindo as mais variadas faixas etárias. Pode-se dizer que posturas como esta permitem que a Geografia tradicional ainda persista em nossos dias, com aulas monótonas, compartimentadas, professores conteudistas que não demonstram nenhuma preocupação com a realidade dos educandos.

Vários conhecimentos geográficos podem ser absorvidos na análise das revistas em quadrinhos, de maneira a contribuir no entendimento de conceitos caros à Geografia, como Silva (2006, p.47) afirma que,

Várias categorias geográficas, como natureza, lugar, sociedade, espaço, ambiente, paisagem, dentre outras, podem ser estruturadas auxiliadas por quadrinhos [...], com a análise de conteúdo de geografia em diversas escalas (local/regional/nacional/mundial).

A tira a seguir é um exemplo claro da capacidade que as RQ's tem de apresentar uma multiplicidade de temas geográficos.



Fonte: <http://clubedamafalda.blogspot.com>

A famosa Mafalda traz em muitas de suas revistas discussões de cunho político, econômico e social. Temas que apresentam “geograficidades” nas mais variadas perspectivas. Percebe-se na tirinha acima vários elementos que suscitam discussões, por exemplo, do modo de produção, desigualdade social, globalização etc. Além de outras reflexões que podem ser geradas a partir de associações indiretas estimuladas pelo próprio professor.

Os quadrinhos apresentam um caráter de transversalidade, onde várias temáticas podem ser trabalhadas de forma integrada, de maneira a possibilitar ao educando uma melhor sistematização do que fora exposto.

CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto conclui-se que a escolha do recurso didático é uma etapa fundamental no processo de ensino-aprendizagem, sendo necessário que haja a contextualização e problematização, desconstrução e reconstrução de conhecimento levando

assim a uma aproximação das informações com a realidade do educando de maneira que o ensino de geografia torne-se algo mais prazeroso e eficiente.

Importante salientar que a figura do professor não é reduzida, nem muito menos anulada, visto que a seleção de tais metodologias e recursos perpassa a prática pedagógica do educador, mas entendo-o como um orientador, melhor dizendo, um facilitador do processo de aprendizagem.

Ademais, se faz necessário destacar a viabilidade de certos recursos de ensino, a exemplo das RQ's e das maquetes, que tornam a prática pedagógica mais didática e prática. A idéia de trabalhar com elementos que os educandos se identifiquem torna a absorção dos conhecimentos em algo mais prazeroso e até mesmo divertido o que acarreta, conseqüentemente, num melhor aprendizado.

Concluimos que a utilização dos recursos didáticos, em especial a maquete no ensino de Geografia, é imprescindível, pois desenvolve no aluno a capacidade de reconhecer as abstrações estudadas na sala de aula, principalmente se levarmos em consideração a educação voltada aos deficientes visuais.

Mesmo assim, ainda há um reduzido número de professores que sabem trabalhar com esta ferramenta. Os cursos de formação de docentes deveriam incentivar os educadores a utilizá-la, pois este recurso está interligado aos mapas mentais, que por sua vez se inserem no ensino-aprendizado de Geografia.

Diante do exposto, é notória a importância da maquete como um dos recursos didáticos utilizados na aprendizagem dos alunos, tanto pela sua dinamicidade, como pelo auxílio aos educandos que possuem algum tipo de dificuldade, que os impeça de materializar o conteúdo abordado.

REFERÊNCIAS

GUIMARÃES, Iara. Possibilidades criativas no ensino de Geografia: diferentes registros e linguagens na sala de aula. In: FONSECA, Selva Guimarães (org.). *Ensino Fundamental: conteúdos, metodologias e práticas*. Campinas, SP: Alínea, 2009.

LOMBARDO, Magda Adelaide. & **CASTRO**, José Flávio Morais. *O uso de maquete como recurso didático*. In: Anais do II Colóquio de Cartografia para Crianças. Belo Horizonte, 1996. Revista Geografia e Ensino, UFMG/IGC/Departamento de Geografia.

Lugosi. Disponível em: <<http://clubedamafalda.blogspot.com>>. Acesso em 11 de dez. 2010.

LUZ, Rose Mari Durigan; **BRISKI**, Sandro José. *Aplicação didática para o ensino da geografia física através da construção e utilização de maquetes interativas*. In: Anais 10º Encontro Nacional de Práticas de Ensino em Geografia. Paraná, 2009. Universidade Federal de Tuiuti. 13 p.

PILETTI, Claudino. *Didática Geral*. 21ª. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib e tal. *Para ensinar e aprender geografia*. 1º Edição. São Paulo, São Paulo: Cortez, 2007. 368 p.

Revista Eletrônica Georaguaiá. Barra do Garças-MT. V 3, n.2, p 46 - 55. agosto/dezembro. 2013.

RAMA, Angela. Os quadrinhos no ensino de Geografia. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo, SP: Contexto, p. 87-104, 2008.

SILVA, Eunici Isaias da. Charge, cartum e quadrinhos: linguagem alternativa no ensino de geografia. *Revista Solta a Voz*, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 41-49, fev. 2006.

VESENTINI, J. William; **VLACH**, Vânia. *Atmosfera: A camada gasosa da superfície terrestre*. In: _____. *Geografia Crítica: O espaço natural e a ação humana*. São Paulo: Ática, 2002. P. 121 – 136.

VIEIRA, Carlos Eduardo; **SÁ**, Medson Gomes de. *Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda?* In: *Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado*. PASSINI, Elza Yasuko (Org.). et al. São Paulo: Contexto, 2007.

Recebido para publicação em 17/06/2013

Aceito para publicação em 09/10/2013